



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**MARLI GENUÍNO DOS SANTOS SILVA**

**HISTÓRIAS DE COR E DE BELEZA? OU**  
**A ESCOLHA DA UNIFORMIDADE BRANCA NA SOCIEDADE**  
**BRASILEIRA?**

Guarabira - PB  
2014

**MARLI GENUÍNO DOS SANTOS SILVA**

**HISTÓRIAS DE COR E DE BELEZA? OU  
A ESCOLHA DA UNIFORMIDADE BRANCA NA SOCIEDADE  
BRASILEIRA?**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à  
Universidade Estadual da Paraíba como parte  
dos requisitos necessários para aprovação no  
curso Licenciatura Plena em História.  
Orientadora: profa. Dra Edna Maria Nóbrega  
Araújo.

Guarabira- PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586h Silva, Marli Genuino dos Santos  
Histórias de cor e de beleza? [manuscrito] : Ou a escolha da uniformidade branca na sociedade brasileira? / Marli Genuino dos Santos Silva. - 2014.  
21 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Edna Maria Nóbrega Araújo, Departamento de História".

1. Beleza. 2. Corpo. 3. Mídia. I. Título.

21. ed. CDD 981

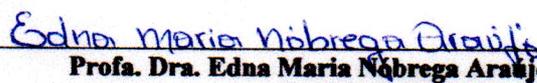
**MARLI GENUÍNO DOS SANTOS SILVA**

**HISTÓRIAS DE COR E DE BELEZA? OU A  
A ESCOLHA DA UNIFORMIDADE BRANCA NA SOCIEDADE  
BRASILEIRA?**

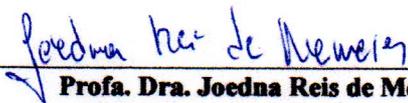
Trabalho de Conclusão de Curso submetido à  
Universidade Estadual da Paraíba como parte  
dos requisitos necessários para aprovação no  
curso Licenciatura Plena em História.

Orientadora: profa. dra Edna Maria Nóbrega  
Araújo.

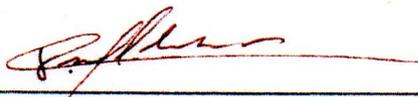
Aprovada em 25 de novembro de 2014



**Profa. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo**  
Universidade Estadual da Paraíba  
Orientadora



**Profa. Dra. Joedna Reis de Menezes**  
Universidade Estadual da Paraíba  
Examinadora



**Profa. Dra. Susel de Oliveira Rosa**  
Universidade Estadual da Paraíba  
Examinadora

Dedico este trabalho à Deus, a minha família, aos meus professores e professoras, aos meus companheiros e companheiras de turma e a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente em minha formação acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

---

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer dessa jornada, em especial a Deus, que me deu forças para prosseguir.

A minha família, pelo apoio e incentivo.

A minha orientadora profa. Edna Nóbrega, pela paciência e grande contribuição na elaboração deste trabalho.

Aos (as) meus (minhas) colegas de classe por todas as experiências vivenciadas juntos ao longo destes cinco anos.

E a todos os professores e professoras do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba que não apenas contribuíram em minha formação acadêmica, como também ajudaram a me tornar um ser humano melhor.

## HISTÓRIAS DE COR E DE BELEZA? OU A ESCOLHA DA UNIFORMIDADE BRANCA NA SOCIEDADE BRASILEIRA?

**SILVA, Marli Genuíno dos Santos.**

**RESUMO:** Nosso trabalho pretende analisar como se construiu no Brasil o ideal de beleza a partir de estereótipos. Estereótipos esses que contribuíram para criar um tipo ideal de beleza, no qual as mulheres brancas são tidas como sendo as mais belas. Vemos a predileção pelas mulheres brancas retratadas em músicas, em romances, nas poesias, nas revistas, na mídia de forma geral. Em um país que tem a História marcada por anos de escravidão e discriminação, a cor não é apenas questão estética, mas também uma questão social e cultural. A cor é um elemento de status e hierarquia. Daí vem a importância de ressaltar a forte influência da mídia em propagar um determinado ideal de beleza, para tanto, buscamos analisar as matérias que ganharam destaque nas capas da Revista Veja dos últimos quinze anos. Estas revistas, comumente, trouxeram e trazem na capa fotos de famosas brancas.

**Palavras- chave:** Beleza; Corpo; Mídia.

### INTRODUÇÃO

O culto a determinados padrões de beleza está presente nas experiências cotidianas de várias pessoas independente de crença, gênero e etnia. Pessoas de todos os tipos, de todas as classes sociais buscam os seus ideais de beleza. O mercado de cosméticos é um forte aliado na busca por essa tão desejada beleza. A beleza, no entanto, não é algo natural e, na sociedade brasileira contemporânea, ela tem estado diretamente ligada aos padrões estéticos ditados pela mídia.

Quais os critérios são utilizados para definir uma mulher bonita? Será a cor da pele? A cor dos olhos? A cor dos cabelos? O tipo de cabelo? Por que existe a divulgação do pensamento de que as brancas e, comumente, loiras devem ser consideradas mais belas que as morenas, negras, mulatas ou indígenas? O que, aos olhos dos padrões normativos, consideram-nas mais sexys e atraentes?

O nosso interesse neste trabalho é buscar analisar a forma como a sociedade brasileira construiu uma preferência, para designar como "belas", as mulheres brancas.

Diariamente vemos a imagem de mulheres brancas e, destas, muitas vezes loiras estampadas em revistas, estrelando novelas, fazendo fotos sensuais, estrelando campanhas publicitárias. A lista de mulheres famosas loiras é imensa assim como o tamanho de seu sucesso. As apresentadoras Angélica, Ana Maria Braga, Xuxa, Ana Hickmam e Adriane Galisteu; As atrizes Carolina Dieckmann, Danielle Vinitz, Fernanda Lima e outras, são exemplos de loiras que se destacam no cenário nacional, e são consideradas pelos homens e pela mídia como belas e sexys. Gisele Bündchen divulgada como a modelo brasileira mais importante da atualidade também é branca e loira. Essas mulheres loiras acabam se tornando referência de beleza para as demais mulheres brasileiras, que tentam copiar as famosas em tudo, nas roupas, comportamento e sobretudo na cor do cabelo.

Este trabalho irá analisar de que forma se construiu no Brasil um determinado ideal de beleza que valoriza a cor branca, no qual beleza deixa de ser apenas uma questão de estética, mas também é uma questão étnica e cultural.

Em um país como o nosso, no qual a colonização tem raízes europeias existe uma valorização positiva da cor branca. Desta forma, vemos já nos primeiros relatos dos viajantes portugueses um estranhamento com a cor dos indígenas. Anos mais tarde com os escravos africanos. Desde aquele momento a cor branca serviu como elemento de distinção social.

Em seguida, analisaremos de que forma a mídia contribui para a difusão de uma beleza branca. Já que os discursos midiáticos, na contemporaneidade, acabam mostrando a imagem das loiras como belas e bem-sucedidas.

Para isso, dialogaremos com autores que escreveram a respeito do tema estudado, como Sandra dos Santos Andrade, Silvana Vilodre Goellner, Guy Debord, Gilberto Freyre, Mary Del Priore, Oracy Nogueira, João Baptista Borges Pereira, Renato da Silva Queiroz, Emma Otta, Lilia K. Moritz, e Idalina Maria Amaral Oliveira. Analisaremos algumas edições da revista *Veja*, que trazem como matérias de capas matérias sobre mulheres loiras, em um recorte temporal de quinze anos

### **Breve história do corpo e da beleza**

Em primeiro lugar, é importante observar algumas leituras para o conceito de Corpo. Segundo o dicionário Luft corpo é

1. A estrutura física do homem e do animal. 2. O cadáver humano. 3. O tronco (por oposição à cabeça e aos membros). 4. Porção limitada da matéria. 5. A parte central e principal ( de um texto, de um edifício, de um avião, etc.). 6. (tip) tamanho dos caracteres tipográficos. 7. Espessura; consistência . 8. Grupo de pessoas consideradas numa unidade; corporação. ( LUFT, 2000, p.200)

No entanto, o corpo não é apenas o que nos mostra o dicionário Luft, podemos pensar o corpo como algo social e culturalmente construído.

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que nele produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos. Enfim, é um ser limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem. (GOELLNER, 2008, p. 29)

Com os Estudos Culturais e a História do corpo é que se tornou possível olhar o corpo por outro aspecto, não apenas o físico. Tornou-se possível historicizar o corpo. Desse modo, o corpo passou a ser objeto de estudo não apenas da biologia, mas também da História.

Vale ressaltar que estes campos teóricos ao enfatizarem a dimensão cultural do corpo não negam sua materialidade biológica. No entanto, não conferem a esta materialidade a centralidade na definição do que seja um corpo nem mesmo tornam a biologia como definidora dos lugares atribuídos aos diferentes corpos em diferentes espaços sociais. (GOELLNER, 2008, p. 30-31)

O corpo é uma produção histórica e cultural, é algo culturalmente construído. Ou seja, o corpo é produto do meio em que está inserido. Quando falamos em corpo, não estamos falando apenas de sua estrutura física e orgânica, mais que isso, o corpo abrange desde as roupas e os acessórios, a pele, o cabelo, assim como as práticas de embelezamento que lhe atravessam. Desta forma, podemos dizer que existem dois corpos, o corpo material, o qual pode ser tocado, e o corpo das sensações e sentimentos.

À mulher sempre coube a divulgação do pensamento de que se tratava da sua obrigação manter-se bela. Antes mesmo do processo de industrialização, quando nem se sonhava com produtos industrializados, as mulheres já utilizavam produtos para se embelezarem. O sumo do morango, por exemplo, era aplicado sobre o rosto para conservar a pele jovem e bela. Aos poucos, foram chegando produtos de diversos tipos importados da França, pomada para disfarçar os cabelos brancos, cremes que proporcionavam alvura da cutis e vários perfumes. A maquiagem, que atualmente é tão utilizada pelas mulheres, durante muito tempo era vista com maus olhos, pois, “a pintura não rimava com jovens descentes, de bons costumes”. (SANT’ANNA, 2012, p.105)

No começo do século XX, a beleza ainda era considerada como algo natural que só poderia ser alcançada por obra divina. Caberia às mulheres a tarefa de apenas conservá-la. As roupas e acessórios faziam parte da ornamentação feminina na época.

As roupas, os calçados e os adereços serviam como prova maior de beleza e distinção. Para as mulheres ricas, buscava-se o luxo das joias, a elegância trazida pelo porte do chapéu, o esmero das luvas e do leque. Por baixo das várias sobsaías, os coletes ou as cintas, alguns acoplados a porta-seios, apertavam o ventre. (SANT'ANNA, 2012, p. 106)

Esta beleza espetacular que cultuamos hoje, foi inventada pelo cinema. Segundo SANT'ANNA (2012) foi Hollywood quem propagou o culto à juventude. E trouxe ainda mudanças não apenas físicas como também no comportamento das pessoas e mulheres.

Na época dos automóveis e dos esportes, era preciso ser prático e rápido. Cabelos longos, penteados complicados, chapéus grandes, saias de tecido grosso e a compressão do espartilho entravavam os movimentos que doravante precisavam ser de outra ordem: a vida metropolitana exigia um corpo menos arredondado, leve, impecavelmente liso e esguio. (SANT'ANNA, 2012, p.107)

Por volta dos anos 1920 e 1930, o corpo desejado passou a ser o magro e jovem. Cortar os cabelos representou também um ato de liberdade. As mulheres cada vez mais passaram a ser cobradas a se fazer belas, agora comparadas com as flores, deveriam encantar. A partir da década de 1950 o ideal de beleza passa a ser curvilínea: “cintura fina, quadris largos, ombros roliços, seios insinuantes, pernas grossas e bem torneadas: o ideal da beleza feminina durante a década de 1950 sugeria volúpia, mas ao mesmo tempo maciez e conforto.” (SANT'ANNA, 2012, p. 114)

Atualmente a beleza é divulgada como algo que se pode alcançar facilmente, pois está ao alcance de nossas mãos, nas lojas de roupas, acessórios, sapatos ou cosméticos, nas farmácias, clínicas estéticas e academias de ginástica ou musculação. Tudo isso pode proporcionar uma bela imagem, basta querer, e claro, ter dinheiro para comprar, já que beleza está a venda. A imagem é algo que gera grandes preocupações entre homens e mulheres. “Com a supremacia da imagem na vida do homem moderno, nossa época continua a instaurar a tirania da perfeição física”. (DEL PRIORE, 2001, p.20)

Sabendo que o corpo é resultado da cultura em que está inserido, não é tarefa fácil rotular determinadas características como sendo os padrões de beleza. Os padrões de beleza de uma determinada sociedade são completamente diferente dos padrões de uma outra sociedade. Desta maneira, a cultura do país nos ensina a olhar o nosso próprio corpo e o corpo das pessoas a nossa volta.

Os processos culturais são os responsáveis pela definição de padrões estéticos e da própria beleza corporal. No entanto, devemos estar conscientes de que esses padrões sofrem variações conforme os diferentes contextos culturais. “O corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc.” (GOELLNER, 2008, p. 28).

Muitas vezes os padrões de beleza sofrem influencia de outras culturas, sobre isso Mary Del Priore diz:

Pior é quando um modelo de beleza nosso, mestiço, passa a ser ameaçado pelo que vem de fora. Entre nós, aumenta assustadoramente o número de mulheres que opta pela imagem da Barbie americana, dona de volumosos seios plásticos falsos, cabeleiras louras e lábios de Pato Donald. (PRIORE, 2001, p.21)

### **Brasil: entre o ontem e o hoje**

Como sabemos, o Brasil foi conquistado pelos portugueses que, ao se depararem com os indígenas que aqui habitavam, já buscaram afirmar uma certa superioridade olhando o outro ( o indígena) com o olhar de admiração e espanto. Esse espanto está evidente no primeiro documento oficial datado de 1500, a carta de Pero Vaz de Caminha. Documento este que ao narrar as novas descobertas ao rei de Portugal faz uma leitura do corpo indígena e narra com detalhes a cor da pele, o tipo e a cor do cabelo, assim como os ornamentos utilizados pelos indígenas, suas características físicas, seus hábitos e costumes. Eduardo Bueno em A Viagem do descobrimento (1998), afirma que não era a primeira vez em que os portugueses se deparavam com “selvagens desnudos”. Foi assim que o europeu observou os indígenas: como selvagens, emergindo, assim, um discurso de superioridade, no qual: os traços fenotípicos dos indígenas passando, por consequência, a ser desvalorizados e desqualificados, segundo os estreitos critérios europeus então dominantes”. ( OTTA & QUEIROZ, 2000, p.17)

Desta forma, podemos afirmar que a colonização se deu de forma aristocrática, patriarcal e escravocrata, como afirma Gilberto Freyre: “A colonização do Brasil se processou aristocraticamente - mais do que a de qualquer outra parte da América”. (FREYRE, 2003, p. 267). Inicialmente com os povos indígenas e posteriormente com africanos, que foram trazidos para serem escravizados, já que a escravidão indígena não obteve tanto sucesso. A colonização brasileira foi caracterizada ainda pela miscigenação como nos explica Freyre.

O português não por todas aquelas felizes predisposições de raça, de mesologia e de cultura a que nos referimos, não só conseguiu vencer as condições de clima e de solo desfavoráveis ao estabelecimento de europeus nos trópicos, como suprir a extrema penúria de gente branca para a tarefa colonizadora unindo-se com a mulher de cor. Pelo intercuro com a mulher índia ou negra multiplicou-se o colonizador em vigorosa e dúctil população mestiça, ainda mais adaptável do que ele puro ao clima tropical. A falta de gente, que o afligia, mais do que a qualquer outro colonizador, forçando-o à imediata miscigenação – contra o que não o indispunham, aliás, escrúpulos de raça, apenas preconceitos religiosos – foi para o português vantagem na sua obra de conquista e colonização dos trópicos. (FREYRE, 2003, p. 73-74)

Freyre, em suas palavras, exalta a figura do colonizador português, o mostra como vencedor das dificuldades apresentadas pelo clima tropical. Faz uma leitura da colonização brasileira sexualizada e marcada pela miscigenação. Diz ainda que o português não era racista, tinha apenas preconceitos religiosos.

A sociedade brasileira é constituída por biótipos, por uma mistura de cores e tons de pele. A mistura entre negros, brancos e indígenas contribuiu para essa miscigenação. Mistura que é vista por alguns historiadores como Gilberto Freyre como sendo algo positivo que contribuiu para a chamada “Democracia racial” no nosso país, democracia racial que se formos analisar na verdade não existe, o que realmente existe é uma supervalorização da raça branca e desvalorização da raça negra e indígena, que tem como elementos de distinção a cor da pele, a origem geográfica e as crenças religiosas.

A cor da pele foi, talvez, a marca mais visível e a mais usada para identificar e classificar a população, que, aliás a partir de então conheceu ritmos frenéticos de crescimento, seja provocado pela entrada maciça de gente vinda de várias outras partes do mundo, seja pelos nascimentos internos, fenômeno igualmente vertiginoso. Entretanto, a cor da pele não foi a única dessas marcas distintivas e, por vezes, cedeu lugar e/ou esteve conjugada com outros elementos também importantes, como origem geográfica e crenças religiosas. (PAIVA, 2011, p.84)

A pele faz parte da estrutura física do corpo, no entanto ela ganha outros significados quando ela passa a ser elemento de distinção social. A cor da pele, infelizmente, é motivo de discriminação ou valorização. A valorização da cor branca no Ocidente, contribuiu para que as brancas se destacassem como as mais belas. Segundo Schwarcz: “o modelo estético de projeção é ainda o branco, quase alvo, louro e, de preferência, com o complemento dos olhos azuis” (SCHWARCZ, 2000, p.124). Cada vez mais busca-se ser branco (branca). O que resulta em um consumo de uma estética branca. Consumo que inclui a venda de lentes de contatos azuis ou verdes, reflexos nos cabelos, ou descolorações, ou ainda tinturas, de qualquer forma, se consegue a cor loira nos cabelos.

A cor no Brasil, portanto, é um elemento distintivo e hierarquizante, que distingue as pessoas e hierarquiza a cor da pele. Alguns conceitos históricos contribuíram e ainda contribuem para as práticas racistas e a exclusão social dos afrodescendentes, como a escravidão, a ideologia do branqueamento, a teoria de miscigenação e da mestiçagem e os atuais enganos das teorias racistas sobre a existência ou não das raças.

Os mais de trezentos anos de escravidão, sem dúvida contribuíram para as práticas racistas. Mesmo após a abolição da escravidão o negro não foi inserido na sociedade